ISSN: 2358-8829

A DISSEMINAÇÃO DE DESINFORMAÇÕES NAS MÍDIAS DIGITAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EPT

Ykaro da Cruz Pereira [1]
Antônio Carlos Soares Martins [2]

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa caracteriza-se como um projeto em andamento vinculado ao curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), ofertado em nível *stricto sensu* pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) - Campus Montes Claros. O estudo está alinhado à Linha de Pesquisa 1 do programa, intitulada Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica – EPT, e integra o Macroprojeto 1, voltado para propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na EPT.

A delimitação do tema desta pesquisa decorre da experiência docente do investigador e da convergência de interesses com o orientador, motivada pela constatação de que a disseminação da desinformação e de notícias falsas (*fake news*) configura uma problemática premente frente às mudanças na dinâmica de produção e publicação de conteúdos on-line. Nesse cenário, a checagem convencional de fatos e a verificação de potenciais boatos tornaram-se inviáveis diante do volume expressivo de dados e narrativas gerados em múltiplos formatos e gêneros (Conroy; Rubin; Chen, 2015).

O objetivo principal do presente estudo é promover uma reflexão crítica sobre os impactos da pós-verdade e do negacionismo científico nas aulas de Geografia para, a partir disso, auxiliar no desenvolvimento de métodos pedagógicos intencionais que orientem a ação docente no combate à desinformação.

Como apontado em levantamento recente (Pereira, no prelo), há uma demanda urgente por investigações que abordem essa temática, sobretudo na área da educação. Embora o ProfEPT constitua a maior rede de pós-graduação em Educação Profissional e

[1] Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG, ykaro.pereira@ifnmg.edu.br;
[2] Professor orientador: doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, antonio.martins@ifnmg.edu.br.

ISSN: 2358-8829

Tecnológica do país, sua produção acadêmica, nesse sentido, ainda é incipiente. Espera-se que, com a conclusão desta pesquisa, este estudo forneça subsídios teóricos e práticos para a elaboração de um produto educacional direcionado a docentes da área, com foco no ensino de Geografia.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma investigação aplicada de abordagem qualitativa, assumindo objetivos exploratório-descritivos para subsidiar a criação de um produto educacional voltado à práxis docente na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). No estágio atual de desenvolvimento, os procedimentos técnicos fundamentam-se em uma rigorosa pesquisa bibliográfica que articula o letramento midiático e a mídia-educação ao ensino de Geografia. O método adota como ponto de partida a problematização de demandas reais da docência, a exemplo do avanço do negacionismo científico e do revisionismo histórico, analisando o fenômeno da pós-verdade sob as vertentes da Geografia Física, com foco em mudanças climáticas e terraplanismo, e da Geografia Humana, com foco em geopolítica e fluxos demográficos. Essa fundamentação teórica orienta a concepção de uma intervenção pedagógica intencional e estruturada, cujo propósito é fornecer estratégias didáticas para que professores e estudantes decodifiquem o ecossistema informacional, convertendo o combate à desinformação em um instrumento prático de emancipação social e autonomia intelectual.

A PÓS-VERDADE E O DESAFIO DA SUA SUPERAÇÃO

Na atualidade, o desafio social posto transcende o mero acesso da população brasileira às mídias digitais, manifestando-se na alienação provocada pelo expressivo volume de informações que circula diariamente sem filtros. Esse fluxo contínuo alimenta-se de narrativas intencionalmente desenhadas para o engano popular, deslocando o foco do problema da exclusão digital para a urgência do combate à manipulação ideológica e cognitiva.

Esse problema, portanto, não se restringe à quantidade de leituras realizadas pela população, mas estende-se ao declínio de sua qualidade. Analisando essa conjuntura, Aro e Gomes (2017, p. 511) apontam que, como consequência direta dessa vulnerabilidade,

ISSN: 2358-8829

"detecta-se um aumento na dificuldade em compreender o que é lido, problemas para formar opiniões e se posicionar diante dos mais variados temas".

O analfabetismo funcional no Brasil configura-se como um desafio histórico, cuja existência precede o surgimento das redes sociais digitais. Embora levantamentos nacionais evidenciem distorções entre os anos de escolarização e o nível efetivo de proficiência dos indivíduos, é inegável o papel fundamental da escola na promoção das habilidades de letramento (Santos, 2009). Contemporaneamente, contudo, as barreiras tradicionais somam-se ao analfabetismo digital e à escassez de uma leitura crítica da mídia.

Para ilustrar essa triste realidade, Um estudo alarmante recentemente realizado pela OCDE, observou que entre 21 países pesquisados, o Brasil é o último do ranking de capacidade de identificação *fake news* pela população (OECD, 2024). Soma-se a isso alguns indicadores que mostram que o Brasil lidera o ranking global de tempo de permanência online (Ortiz, 2026), num universo em que mais de 90% da sua população, hoje, está conectada (Fonseca; Yamamoto, 2026).

Essa conjuntura torna urgente a implementação de estratégias voltadas ao letramento midiático nos espaços escolares, capacitando os estudantes a navegar de forma analítica pelo ecossistema de informações. Para pesquisadores da área educacional, como Tufte e Christensen (2009), Fantin e Girardello (2009) e Cordeiro e Figueiredo (2021), a inserção de métodos de "mídia-educação" nas escolas é importante no auxílio da iniciação dos alunos ao pensamento crítico às mídias digitais devido à sua onipresença crescente, fazendo-se necessário considerar sua importância na vida social, sobretudo da juventude.

Bévort e Belloni (2009, p. 1083), refletem a essencialidade da midiaeducação na socialização das novas gerações e, também, enfatizam a importância da sua inclusão nas populações adultas "numa concepção de educação ao longo da vida".

Considera-se, ainda, que o embasamento de opiniões em fatos inverídicos pode implicar em danos sociais em setores que permeiam a vida social, como nos campos sociopolítico e econômico, em situações que podem suscitar racismo, xenofobia e nocividade à saúde pública e ao Estado democrático de direito (Pereira, 2020). Dessa forma, a educação midiática pode ser visualizada como mecanismo possibilitador do desenvolvimento de uma conscientização crítica de mídia e da interpretação lúcida dos fatos (Sousa, 2019), trazendo à tona a importância de pesquisas que tratem da utilização dessas técnicas no contexto educacional brasileiro.

ISSN: 2358-8829

A discussão acerca da aplicabilidade da mídia-educação no contexto escolar brasileiro torna-se imperativa diante do cenário histórico atual, marcado pela popularização vertiginosa das mídias digitais. Nesse panorama, os ambientes educacionais consolidam-se como espaços fundamentais para a "experiência de cidadania, pertencimento e participação crítica e criativa na cultura" (Fantin; Girardello, 2009, p. 69).

Essa conjuntura é profundamente atravessada pela chamada era da pós-verdade, fenômeno que desafia a construção do conhecimento no espaço escolar. Conforme refletem Santana, Marques e Pinho (2017, p. 90), esse conceito assinala "um sentido em que opiniões veiculadas nos meios de comunicação massivas, mesmo sem embasamento na realidade dos fatos, podem ser valoradas e consideradas verdadeiras pela opinião pública". Trata-se, portanto, de um cenário em que informações são validadas socialmente devido ao seu apelo emocional, independentemente de comprovações concretas.

Sob essa ótica, a pós-verdade consolida-se como um "substantivo que denota circunstâncias onde os fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e crenças pessoais" (Komatshu; Sanchez, 2018, p. 5). Compreender essa dinâmica é o primeiro passo para justificar a necessidade de intervenções pedagógicas que promovam o senso crítico dos estudantes diante dos fluxos informacionais contemporâneos.

Esse cenário de valorização da pós-verdade ensejou a irrupção das fake news e da desinformação na internet em um volume inédito na história. Ao associar a concepção clássica de desinformação ao fenômeno moderno do espalhamento massivo de notícias falsas nas mídias sociais, nota-se que a ênfase contemporânea difere de sua gênese. Historicamente, o termo desinformação esteve vinculado ao uso agressivo de propaganda política, por meio de táticas de manipulação direta da opinião pública (Dourado, 2020).

Corroborando essa perspectiva, Lima e colaboradores (2020) explicam que o conceito atual é abrangente, englobando desde informações erradas e memes até sátiras. Contudo, o maior perigo reside no acúmulo crescente de conteúdos produzidos intencionalmente para enganar, manipular e causar danos políticos, financeiros e sociopsicológicos. Essas narrativas encontram um terreno fértil na era da pós-verdade, que se retroalimenta do negacionismo científico e da espetacularização da vida cotidiana.

ISSN: 2358-8829

O ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPOS DE DESINFORMAÇÃO

É a partir dessa urgente perspectiva de engajamento crítico e cidadão que se defende uma prática pedagógica alinhada às premissas da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Essa abordagem pauta-se nos princípios da emancipação social, defendida por Frigotto (2012) como a busca pela autonomia política e intelectual dos sujeitos e da omnilateralidade, conceituada por Ramos (2014) como o desenvolvimento integral de todas as dimensões e capacidades humanas.

Ao articular esses conceitos, promove-se uma formação que capacita o estudante a compreender criticamente o ecossistema midiático, transformando-o em um agente ativo de sua realidade social e digital. Sob essa ótica, o olhar se volta especialmente para os professores de Geografia. A exemplo de docentes de outras áreas, esses profissionais enfrentam crescentes desafios diante do avanço do negacionismo científico, do revisionismo histórico e da recusa de fatos axiomáticos.

Essa necessidade de superação das narrativas desinformacionais encontra eco em pesquisas recentes que cruzam a ciência geográfica e o ambiente escolar. Estudos como o de Crizel (2020), ao investigar o ensino de Geografia, apontam que o fortalecimento da argumentação científica em sala de aula é um instrumento indispensável para desmistificar discursos negacionistas contemporâneos, como o terraplanismo e a negação das mudanças climáticas. No âmbito da cultura digital, investigações sobre os fluxos informacionais em redes sociais, a exemplo das reflexões propostas por Girotto e Silva (2023) acerca de mapas virais, demonstram que o espaço geográfico e suas representações cartográficas têm sido sistematicamente manipulados para distorcer a realidade.

Diante desse cenário de distorções intencionais, evidencia-se a urgência de se desenvolverem métodos pedagógicos específicos e estruturados para o combate à desinformação nas aulas de Geografia. Como alertam Souza e Silva (2023), os conteúdos clássicos da disciplina tornaram-se alvos preferenciais de disputas ideológicas virtuais, gerando medo e insegurança na prática docente. Por essa razão, não basta apenas expor a falsidade das notícias; é fundamental que os docentes disponham de estratégias didáticas intencionais, capazes de ensinar o estudante a rastrear fontes, analisar dados espaciais e decodificar as intenções por trás de discursos e representações visuais que circulam nas redes.

ISSN: 2358-8829

No âmbito mais direcionado a elementos concernentes à Geografia Física, as abordagens encontram terreno fértil na desconstrução de conteúdos de forte apelo negacionista. É possível propor métodos didáticos voltados à análise crítica de discursos sobre as mudanças climáticas globais, os impactos da atividade antrópica nos biomas e as dinâmicas meteorológicas. Um exemplo clássico envolve o terraplanismo que, ao negar os fundamentos da Geodésia e da Astronomia, exige o resgate de conceitos físico-geográficos para reestabelecer o método científico e os fatos axiomáticos como pilares do conhecimento (Crizel, 2020).

Por outro lado, a Geografia Humana oferece ferramentas essenciais para desvelar a desinformação em dinâmicas geopolíticas, demográficas e socioeconômicas. Em sala de aula, os docentes podem trabalhar com a desconstrução de dados populacionais distorcidos que alimentam a xenofobia contra refugiados, ou com narrativas históricas revisionistas sobre a demarcação de territórios vulnerabilizados. Conforme demonstrado por Silva, Melo e Oliveira (2023), intervenções pedagógicas direcionadas ao Ensino Médio sobre a mecânica das *fake news* e do algoritmo são cruciais para que o estudante compreenda como as fronteiras políticas e os fluxos demográficos são manipulados discursivamente para influenciar a opinião pública.

Ao propor metodologias voltadas para essa finalidade, a articulação entre o letramento midiático e o letramento cartográfico transcende a mera transmissão de conteúdos tradicionais. Ela se materializa como uma práxis educativa essencial para a construção da autonomia intelectual defendida pela EPT. Dessa forma, a criação de caminhos didáticos para desconstruir as *fake news* transforma a leitura crítica do território digital em um ato concreto de emancipação social e política dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidencia que o enfrentamento à desinformação e ao fenômeno da pós-verdade nas salas de aula constitui um dos desafios mais urgentes e complexos da docência contemporânea, em especial para a ciência geográfica. Conforme fundamentado ao longo do estudo, os conteúdos tanto da Geografia Física quanto da Geografia Humana tornaram-se alvos centrais de disputas ideológicas, negacionismos e revisionismos que ameaçam o método científico e os fatos axiomáticos. Diante desse cenário, resta claro que a mera exposição de notícias falsas é insuficiente, tornando-se

imperativa a criação de métodos pedagógicos intencionais e estruturados que capacitem os professores a promoverem o letramento midiático e o pensamento crítico no ambiente escolar.

Em alinhamento com as premissas da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), a futura proposição do produto educacional deste mestrado profissional se consolida como uma resposta prática e necessária a essa demanda social e institucional. Ao fornecer subsídios didáticos para que os docentes orientem os estudantes a rastrearem fontes, analisarem dinâmicas socioespaciais e decodificarem o ecossistema informacional, a pesquisa cumpre os princípios da omnilateralidade e da emancipação social. Espera-se, portanto, que a conclusão deste estudo cumpra o objetivo de contribuir academicamente com esse assunto tão importante nos dias atuais, funcionando como um instrumento de transformação pedagógica que converte o combate à desinformação em um ato concreto de cidadania, soberania intelectual e autonomia dos sujeitos diante do território digital.

Palavras-chave: Desinformação; Letramento Midiático; Ensino de Geografia; Educação Profissional e Tecnológica; Práxis Pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Ao ProfEPT e ao IFNMG pelo apoio institucional.

REFERÊNCIAS

ARO, M. L. B.; GOMES, N. S. As fake news como contribuição na formação do leitor crítico. **Revista Philologus,** Ano 23, N° 69. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2017.

BÉVORT, E; BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação & Sociedade**, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, 2009.

CONROY, N. J.; RUBIN, V. L.; CHEN, Y. Automatic deception detection: Methods for finding fake news. **Proceedings of the Association for Information Science and Technology**, v. 52, n. 1, p. 1-4, 2015.

CORDEIRO, S. S. FIGUEIREDO, M. S. **Prática Pedagógica em Mídia-Educação**. Natal: SEDISUFRN, 2021. 101 p.

CRIZEL, J. V. **Fake news e o ensino de geografia**: a importância da argumentação científica. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. E. P. Diante do abismo digital: mídia-educação e mediações culturais. **Perspectiva**, v. 27, n. 1, p. 69-96, 2009.

FONSECA, R; YAMAMOTO, C. Brasil bate recorde e ultrapassa 90% da população conectada à internet**. Correio Braziliense**, Brasília, 3 jul. 2026. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2026/07/7454128-brasil-bate-recorde-e-ultrapassa-90-da-populacao-conectada-a-internet.html>. Acesso em: 09 nov. 2026.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**: um (clássico) estudo sobre as relações entre educação e estrutura econômica. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GIROTTO, E. D.; SILVA, T. L. Como os mapas que "viralizam" nas redes sociais podem ser usados no Ensino de Geografia? **Geografares**, Vitória, n. 36, p. 1-22, 2023.

KOMATSU, J. P.; SANCHEZ, C. J. P. Notícias falsas e seu impacto no mundo político. In: Encontro de Inicição Científica (ETIC), 14., 2018, Presidente Prudente. **Anais...** [...] Presidente Prudente: Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo, 2018. v. 14, n. 14.

LIMA, C. R. M. de et al. Emergência de saúde pública global por pandemia de COVID-19: desinformação, assimetria de informações e validação discursiva. **Revista Folha de Rosto**, [s. l.], p. 1-28, 2020.

OECD. The OECD Truth Quest Survey: Methodology and findings. Paris: **OECD Publishing**, 2024. (OECD Digital Economy Papers, n. 369).

ORTIZ, I. Quanto tempo você fica na internet? Média no Brasil passa dos 50 anos e ultrapassa México e Coreia. **G1**, São Paulo, 1 jul. 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2026/07/01/quanto-tempo-os-brasileiros-ficam-na-internet.ghtml>. Acesso em: 09 nov. 2026.

PEREIRA, Y. C. Desinformação e formação humana integral: uma análise da produção acadêmica do PROFEPT. In: Seminário de Iniciação Científica do IFNMG, 13., 2026, Januária. **Anais** [...]. Januária: IFNMG, no prelo.

PEREIRA, Y. C. Uma breve análise da circulação das fake news na pandemia da Covid -19. In: CARNEIRO, A. et al. (orgs.). **Estado e sociedade sob olhares interdisciplinares**: experiências participativas, disputas narrativas, território e democracia. Salvador: Edufba, 2020. p. 357 – 374.

RAMOS, M. N. **História da educação profissional**. Curitiba: Êxito, 2014.

SANTANA, C. C. S.; MARQUES, M. F. O.; PINHO, M. J. S. A educação científica em tempos de pós-verdade. In: CHATES, T. J. (org). **Perspectivas educacionais em tempo de pós-verdade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. p. 87 – 101.

SANTOS, S. B. C. **Análise dos livros didáticos de Língua Portuguesa da Educação de Jovens e Adultos**: letramento e especificidades. 2009. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVA, L. H.; MELO, T. A.; OLIVEIRA, S. F. Projeto Fake News: uma ação do PRP Geografia com alunos do Ensino Médio. In: Programa de Residência Pedagógica da UFAL. **Anais** [...]. Maceió: UFAL, 2023.

SOUSA, L. **Favelação**: Experiências de letramento midiático através da pesquisa-ação. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2019.

SOUZA, M. A.; SILVA, R. C. A pós-verdade e os desafios no campo da ciência: o impacto da desinformação na prática profissional do professor de Geografia. **Revista GEOTemas**, Mossoró, v. 13, p. e230727, 2023.

TUFTE, B.; CHRISTENSEN, O. Mídia-Educação–entre a teoria e a prática. **Perspectiva**, v. 27, n. 1, p. 97-118, 2009.